

# **UM NOVO OLHAR PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DENTRO DOS NÍVEIS PSICOGENÉTICOS DA PROPOSTA PÓS-CONSTRUTIVISTA**

ARAÚJO, Francileide Oliveira de

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar os níveis psicogenéticos da proposta pós-construtivista no processo de alfabetização, tendo como específicos conceituar os níveis psicogenético da proposta pós construtivista no processo de alfabetização; explanar estratégia no processo de alfabetização e analisar as questões de universitários que estiveram em campo na aplicação da técnica ANP (Análise dos níveis psicogenéticos). Este artigo tem como metodologia a análise de um questionário feito a 05 universitários que estão cursando o curso de pedagogia e aplicaram a técnica ANP (Análise dos níveis psicogenéticos) para identificação dos níveis psicogenéticos da proposta pós-construtivista. Logo, foi observado que a técnica é de grande importância e rapidez no momento de identificação do esquema de pensamento da criança sobre a leitura e escrita, facilitando na elaboração de atividades que vai ao encontro da criança no processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Nível Psicogenético; Estratégia; Alfabetização; Técnica.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo geral apresentar os níveis psicogenéticos da proposta pós-construtivista no processo de alfabetização, tendo como os objetivos específicos conceituar os níveis psicogenéticos da proposta pós-construtivista no processo de alfabetização, explanar estratégia no processo de alfabetização e analisar as questões de cinco universitários que estiveram em campo na aplicação da técnica ANP (Análise dos níveis psicogenéticos) para identificar cada nível.

Os níveis psicogenéticos fazem parte da proposta pós-construtivista, que é de estudo e pesquisa do grupo GEEMPA (grupo de estudos sobre educação,

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

metodologia de pesquisa e ação) tendo como coordenadora do grupo Esther Pillar Grossi, que estuda os níveis psicogenéticos.

Em 1986, em uma conferência em Londres comprovou que o estudo de Emília Ferreiro a respeito dos níveis psicogenéticos dos pré-silábicos e silábicos- alfabéticos, não tinha uma estrutura lógica, como é no estudo do grupo GEEMPA, quando Emília Ferreiro afirma que os níveis psicogenéticos são: pré-silábicos, silábico, silábico-alfabetico e alfabético, partindo deste estudo, o grupo GEEMPA, relata que os pré-silábicos, há duas estruturas de pensamentos do sujeito aprendente, assim como o silábico-alfabético que é considerado um conflito de passagem, pois os níveis se fundamentam em estruturas mentais.

Porém, quando o esquema de pensamento está confuso, este sujeito está em conflito de passagem de um nível para o outro, por este motivo, os níveis pré-silábicos e silábicos-alfabéticos do estudo de Emília Ferreiro (1980) não têm uma estrutura lógica, portanto, não é considerado nível psicogenético.

Logo, foi observado que a técnica é de grande importância e rapidez no momento de identificação do esquema de pensamento da criança sobre a leitura e escrita, facilitando na elaboração de atividades que vai ao encontro da criança no processo de alfabetização.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

No processo do ensino-aprendizagem na alfabetização são analisada três instâncias, a primeira o professor, a segunda o aluno e a terceira a família (no seu acompanhamento), porém se um professor levar um aluno para alfabetizá-lo na praça e os pais acompanham no processo do aluno em realizar suas tarefas em casa, ele conseguirá alfabetizá-lo, não necessita exatamente de uma estrutura escolar, necessita da instância do desejo de ensinar, e que neste processo a família acompanha o desenvolvimento do aluno.

De um modo geral os pais eles têm sua função na escola de acompanhar seus filhos nas tarefas que são encaminhadas para fazerem em casa e o acompanhamento

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

comportamental de como está o desenvolvimento deste sujeito na escola, essas são as obrigações dos pais.

Contudo, haverá alunos que os professores ensinam e os pais acompanham e o discente não aprende, porque necessita da segunda instância, o desejo do aluno em aprender, se o discente não se sentir motivado no processo da alfabetização, o docente não obterá êxito, porém se o professor descobre como o aluno aprende, conhecendo seu esquema de pensamento, ficará muito mais fácil para este educador alfabetizar o seu alunado.

O professor tem sua função de ensinar, porém os alunos trazem as suas vivências, cultura, realidade e dentre outros, que o professor tem que condicionar, direcionar junto a família para que possam exercer cada uma sua função e cumpre com suas responsabilidades, mas que o professor quando deixa de ensinar, ele está prejudicando o aluno, principalmente no processo de alfabetização.

O professor utilizando a técnica de análise dos níveis psicogenéticos, uma vez na semana para que se possa elaborar sua rotina diária e construindo atividades que vai ao encontro do pensamento deste sujeito, o professor obterá êxito em sua prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem na busca da alfabetização do seu alunado.

## **2.1. OS CONCEITOS DOS NÍVEIS PSICOGENÉTICOS DA PROPOSTA PÓS-CONSTRUTIVISTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Os níveis psicogenéticos da proposta pós-construtivista são: O nível pré-silábico I (ps1), onde o aluno pensa que a escrita é representada por desenhos, o nível pré-silábico II (ps2) que o aluno pensa que a escrita é representada por sinais gráficos e às vezes repetições da letra do nome, que memorizou, de forma global, e não tem vinculação com a fala. Estes níveis pré-silábicos são os níveis que a criança não faz vinculação com a fala.

Antes que a criança compreenda a possibilidade de que as letras possam ter algum vínculo com a expressão de alguma realidade, isto é, que as letras

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

possam dizer algo, ela faz experiências de ler a realidade em desenhos, gravuras e fotos, ou seja, em imagens gráficas. Ela associa às imagens a capacidade de expressar aspectos do real e nem suspeita que com um conjunto de risquinhos se possa fazer o mesmo. (GROSSI, 1990a, p.33).

Os pré-silábicos eles são divididos em dois níveis estruturados que a criança faz a leitura e escrita de desenhos, e que se escreve com desenho ou aleatoriamente.

Uma criança no nível pré-silábico, já pode conhecer muitos ou todos os sons de letras, porque ela os associa à inicial das palavras e por esse intermédio pode se assenhorear dessa correspondência. Por outro lado, um aluno pode estar no nível silábico sem atentar para o som convencional das letras. Ele pode pronunciar uma palavra e associar a cada sílaba qualquer letra. (GROSSI, 1990b, p. 59).

O Nível silábico a criança pensa que para cada vez que abre a boca, escreve uma letra ou sinal gráfico, e faz vinculação com a fala.

O nível silábico é um momento especialmente propício à escrita, porque a hipótese de que cada sílaba pode ser escrita por uma letra é uma solução incompleta para explicar o sistema que estrutura nossa língua escrita, mas que satisfaz à criança naquele momento. Por isso, dizemos que escrever no nível silábico é uma maneira de “curtir” a nova fórmula encontrada pela criança de entrar no mundo da escrita. Escrevendo bastante, a criança vai ter oportunidade de dar-se conta de que sua hipótese não é completa, porque não resolve plenamente os problemas de nosso sistema de escrita, pois não permite a sua decodificação (GROSSI, 1990b, p. 69).

Pode-se observar que o esquema de pensamento do discente é uma estrutura lógica e organizada quando se encontra em um determinado nível, quando o docente percebe a angústia do aluno e nota-se a confusão dentro da escrita ou leitura, esse aluno apresenta um conflito de passagem, onde o docente deve averiguar em quais níveis, o aluno está vivenciando este conflito, por motivo que das provocações que o professor fará ao encontro desse discente para que ele possa avançar de nível, porém se o professor não investigar de forma correta, o aluno regredi ao nível anterior. O

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail: [francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)  
Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail: [francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

professor deverá conhecer além do pensamento do aluno, também como analisar a rede de hipótese e a definição dos níveis.

O nível alfabético o aluno pensa que para cada som, escreve duas letras ou sinais gráficos, e as vezes uma sequência consoante-vogal.

A formação alfabética das sílabas faltando apenas um ajuste na ortografia, porém, não significa que ele deva reconhecer o valor sonoro de todas as letras escritas. Esse ato de conhecer a fonetização das letras é algo que acontece gradativamente, através da prática cotidiana de leitura e escrita. Grossi (1990a) destaca que entrar no nível alfabético não significa ainda saber escrever corretamente nem do ponto de vista ortográfico nem do ponto de vista léxico. No nível alfabético o aluno ouve a pronuncia de cada sílaba e procura colocar letras que lhe correspondam.

[...] a fonetização das sílabas não é instantânea e definitiva. O aluno começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e, para a escrita de outras, permanece silábico. Às vezes, há razões lógicas por trás deste comportamento. Uma delas é porque certas letras, pelo seu nome, podem ser consideradas como uma sílaba completa como, por exemplo, “ge” em gelo, que ele escreve “glo”; ou “q” em querida, que ele escreve “qrida”. (GROSSI, 1990c, p. 23).

O nível alfabético o aluno ouve a pronúncia de cada sílaba e procura colocar letras que lhe correspondem. A entrada no nível alfabético deve ser seguida pela aprendizagem das formas ortográficas de nossa língua, as quais nem sempre são lógicas, isto é, um mesmo som pode estar associado a várias letras ou uma letra pode corresponder a vários sons.

O alfabetizado nesta proposta é aquele que escreve ler e compreende o que estar escrito, mesmo sendo um texto pequeno e simples, mas que tenha coerência.

Os níveis psicogenéticos são muito importantes entender cada um deles, e o melhor, entender como aplicar a aula-entrevista ou apenas ANP, registrando as observações, o professor entenderá o pensamento do aluno, e vai ao seu encontro com atividade de acolhida e de acordo com o seu esquema de pensamento. Porém o que é mais magnífico é que as tarefas o aluno faz sozinho, pois é de acordo com que ele sabe.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

O processo dos níveis, o aluno tem que gozar no nível que se encontra, para depois o educador iniciar com atividades provocativas, onde o aluno quando se deparar, irá se questionar e perceber que estava equivocado, então ele desconstrói um pensamento do nível que se encontrava, avançando para outro nível psicogenético, chegando à alfabetização.

O educador é o principal interacionista de uma sala de alfabetização, ele deve contemplar constantemente a avaliação em sua didática pedagógica.

Como um observador privilegiado das ações do aprendiz, o professor tem condições de avaliar o tempo todo, e é essa avaliação que lhe dá indicadores para sustentar sua intervenção. Mas isso é diferente de planejar e implementar uma atividade para avaliar a aprendizagem. (WEISZ, 2006, p.94).

Baseada nesta perspectiva de atividade para avaliar a aprendizagem, é no olhar do professor que o aluno vai encontrar o alicerce para seu desenvolvimento escolar, é nele que a criança vai confiar e buscar conforto nas suas inquietações e angústias.

### **2.1.1. EXPLANAR ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Proporcionar estratégias sobre o ensino e aprendizagem no processo de alfabetização é ter um novo olhar sobre as práticas de ensinos, principalmente as práticas pós-moderna.

As práticas de ensino pós-moderno, são as mudanças ocorridas nas realidade, cultura e sociedade. O pós-modernismo nasce com a era da computação, com a inovação da tecnologia, sem ao menos verificar a decadência desta cultura e sociedade.

Atualmente, os seres humanos estão saturados de informações que paralisam a ação do homem, perante as vivências de valores, o ser humano busca rapidez em sua aprendizagem, que estafar o processo, atingindo o seu nível de estresse, por

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

causa deste desejo de acompanhar a evolução, porém ao navegar por estas informações, o sujeito fica paralisado.

Um dos fatores mais intrigantes dentro do processo ensino-aprendizagem é ver os alunos a travar no campo da tecnologia. Por exemplo: faz-se um trabalho, onde pede para que o aluno faça um relato sobre determinado assunto, e os jovens rapidamente se dirigem a internet, e não se preocupa em fazer leituras e muito menos de sentar com o outro para debater determinado tema.

A internet é uma chave de informação que ajuda o sujeito a descobrir o funcionamento das coisas que há no mundo, porém o aluno não está agindo como um sujeito ativo, mas sim como atitude de alienação em uma era de informação.

Hoje encontra tudo o que se quer saber na internet, mas não busca de maneira crítica o que se procura. Sem falar os valores familiar e cultural, onde o sujeito tinha uma relação de conversação com a família e com os demais que os rodeiam, e agora você senta em uma mesa e observa a mesa que está ao seu lado, são um grupo de jovens, que conversam pelo celular, mesmo estando próximo um dos outros.

O pós-moderno é um ambiente de simulação do real, e com uma ênfase de cores, que insere o sujeito na ação. E algo bem interessante que a tecnologia trás, é o prazer doentio da mente sobre a realidade.

O sujeito no seu interior, que é o outro que está dentro de você, necessita de um prazer “impossível” no mundo real, porque temos amparo legais e vivência no mundo cibernético chegando a atingir o seu fator de prazer, e que depois esta falta não se satisfaz somente no cibernético, e acaba levando para o mundo real, tornando se um psicopata, que não consegue controlar os seus desejos.

Em uma era pós-moderna acelera as informações, que para a maioria dos jovens é perda de tempo ler um livro, o homem vive cheio de correntes que entrelaçam sujeito e tecnologia permanentemente, onde a informação e a comunicação transportam a impulsividade para o consumo.

Então, a prática de ensino pós-moderno busca a interação e conquista dos alunos pelo prazer da leitura, e fazer suas atividades, o professor pós-moderno busca elaborar atividades ativas, que os educandos possam se movimentar e serem

provocados a pensar, e o educador tem que se reciclar e procurar atingir a transformação deste sujeito.

E a partir destas práticas, como organizar suas aulas em um ensino pós-moderno? Primeiramente deve-se conceituar o que é o um ensino pós-moderno, o ensino pós-moderno é um ensino que o professor ultrapassa suas ideias e atingi o seu ideal, fazendo dos obstáculos um novo desafio.

A partir desta concepção já poderá se pensar em como organizar as aulas diante destes obstáculos que existem dentro da sala de aula na atualidade, porém bastante desafiador, pelo motivo que o próprio sistema fez com que a escola, família e sociedade, em aspecto de liberdade, e que hoje é uma libertinagem.

Até que ponto esses três fatores vêm sofrendo alterações e os professores, é que tem que ser o articulador e formador deste processo. O professor perdeu sua autoridade, onde o aluno tem vez e voz, esquecendo que o professor planeja suas ações com base no aluno, e isso está gerando a grande dificuldade dos professores.

Então, como organizar as aulas em um ensino pós-moderno? A organização é uma premissa de base que orienta qualquer sujeito em suas ações, mas antes do professor pensar em organizar as aulas, ou de se perguntar, o que se vai ensinar amanhã? Que atividades irá passar para o seu aluno? E as vezes planeja uma teoria e na prática acontece a distorção, devido ser pensado somente nas atividades, e não como se deve ensinar aqueles determinados alunos?

Primeiramente existe uma análise sobre o que se quer que o aluno aprenda, a primeira pergunta é essa, a partir de descobrir o que se quer que o aluno aprenda, o professor elabora o seu objetivo e planeja suas ações.

Com base na leitura do livro aula nota 10 de Doug Lemov (2001, p.77), 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência, relata que grandes professores que utilizam técnicas começam pelo fim, muitas vezes começam suas aulas recordando tudo que eles acham que a classe ainda não aprendeu da aula do dia anterior.

Então refinar e aperfeiçoar o objetivo com base no resultado da aula anterior se a classe atingiu o objetivo de ontem, planejar uma curta avaliação diária, que vai



determinar se o objetivo foi atingido. Planejar a atividade, ou melhor, uma série de atividades que levem ao domínio do objetivo.

Porém usar sequência de plano de aula- objetivo, avaliação, atividade- organiza o planejamento. E que ajuda a garantir que o critério não será “Minha aula é criativa?” Ou “Estou usando bem as estratégias?”, e sim “Será que minha aula é a maneira melhor e mais rápida de atingir o objetivo?”.

O critério de elaboração de plano de aula na maioria dos professores é copiar e colar, não tem um significado para o aluno e nem mesmo para o professor. Outra coisa que se obtêm excelentes resultados, são as de criar suas rotinas, o que você planejou pensando no dia de ontem? O que os alunos precisam aprender? E relate isso em um cronograma das atividades planejadas para o dia, mediante estas questões anteriores, e com toda certeza obterá resultados satisfatório e conseguirá atingir os objetivos propostos.

Atualmente, a maioria dos professores trabalham em dois turnos, e as vezes até no terceiro turno, escola pública e privada, e comparam a não alfabetização sobre os comportamentos de alunos de escola pública, que é diferente da privada.

O que é mais interessante é que as organizações das escolas privadas trabalham de forma cooperativa para o sucesso do aluno, conseqüentemente, o sucesso da escola, então a prática do professor não muda, o que muda são as estruturas de organizações da escola como todo e o número elevado de trabalho sobre o professor.

A estética do trabalho pedagógico favorece no processo ensino e aprendizagem, atingindo êxito em suas práticas e que para isso tem que haver todo um planejamento, pensando em cada aluno.

As escolas modificam seus processos em um ideal fabuloso de explicar as ações que depende de um grupo, de um sistema de fatores, e não somente do professor.

A organização e a gestão referem-se ao conjunto de normas e diretrizes, estrutura organizacional, ações e procedimentos que asseguram a racionalização do uso de recursos humanos, materiais, financeiros e intelectuais assim como a coordenação e o acompanhamento do trabalho das pessoas, em virtude do desenvolvimento do aluno, é um grupo de fatores relacionais que desenharam os aspectos físicos, estruturais e acadêmicos da escola em busca de uma educação de qualidade.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Essa gestão organizacional age como um todo para as partes, como via analítico, e depois das partes para o todo, porque a partir desta organização e estrutura, o resultado florirá sobre o aluno, escola, família e sociedade, que partindo do pressuposto que tudo está na medida certa, a comunidade e os agentes educativos proporcionarão o sucesso da escola, que é um nível sintético das partes para o todo (escola).

Na escola pública as organizações são formadas como uma guerra, um querendo detonar o outro, o sucesso de um, é o insucesso do outro, todos agem como adversário, se um professor se destaca é porque é atrevido e o que não faz nada incompetente, mas não se perguntam, foi dado oportunidades para estes professores? A elaboração de projetos, todos estavam na hora da discussão? Quem é a gestão? E quem fazem parte de sua equipe? Quem estão no conselho? São os que fazem parte da equipe da gestão, ou os adversários? Sem falar na política que é uma vergonha e que todos conhecem esta realidade, e que não vem aqui este momento a discutir.

E nesta análise entra outra pergunta interessante para se pensar, quando se fala em estratégia de ensino-aprendizagem, o que o professor e aluno buscam em um ensino pós-moderno?

Alguns professores buscam ensinar e alguns alunos buscam aprender, mas de maneira acelerada, sem falar que hoje existem muitos alunos desmotivados, existem professores sem estímulo para ensinar.

A tecnologia promove uma rapidez ao ser humano, mas que provoca este aluno a ser passivo, pelo simples fato de aparentemente ser de fácil manejo, não exige muito do sujeito para aprender a manipular o sistema, basta ter uma dica, porque o próprio sistema faz por si só.

No ensino pós-moderno, as aulas tem que ser dinâmicas, e que as vezes para alguns professores tradicionais, por não estarem atualizados e não saberem e nem mesmo buscam como lidar com esta tecnologia, acaba sendo visto como mal profissional, e os alunos acham a aula chata, porque a tecnologia tem seus atos falhos, de conquistar o sujeito, mas deixa o sujeito dependente desta tecnologia, e que algumas atividades, como jogos educativos eletrônicos, onde o colorido do

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

universo cibernético envolve os alunos de maneira que produz esta aprendizagem, e quando não se tem a tecnologia, os jogos devem ser ativos, que coloquem todos para se movimentarem, tanto corpo como mente. E nesta brincadeira o aluno aprende, na verdade o aluno aprende mais brincando do que um número elevado de conteúdo.

### **2.1.2. ANÁLISE SOBRE ANP NO OLHAR DE CINCO UNIVERSITÁRIOS**

Esta análise se baseia em uma aplicação feita por cinco universitários que aplicou a técnica ANP com crianças não alfabetizadas, sendo que depois que os cinco universitários aplicaram esta técnica, eles foram convidados a participar de uma pesquisa sobre esta técnica, respondendo um questionário com quatro perguntas.

A primeira questão foi: qual a importância da aplicação da técnica ANP? A universitária Daniele de Sousa respondeu, é importante para conhecer o nível de desenvolvimento do aluno e como trabalhar com ele. A universitária Sara Feitosa, é fundamental pois torna-se uma ferramenta extremamente útil em sala de aula no processo de alfabetização. A universitária Leane, nela permite identificar o grau de cada aluno. O universitário Francisco Gilson, pois, identifica em que níveis se encontra a criança para em seguida trabalhar com base no seu raciocínio. O universitário Tiago, para identificar o nível de conhecimento da criança e aplicar técnicas necessárias para o desenvolvimento.

Com base nas respostas dos universitários pode-se perceber a importância desta técnica na sala de aula, é uma técnica que a autora do artigo desenvolveu com base na estrutura da aula entrevista de Esther Pillar Grossi (1999).

A segunda questão foi: Você aplicou a técnica? Justifique. A universitária Daniele de Sousa respondeu, sim, foi eficaz, pois descobrir como e quais metodologias utilizar para que meu aluno avance cotidianamente. A universitária Sara Feitosa, sim, apesar de ser apenas uma experiência, acredito que é funcional e eficaz. A universitária Leane, sim, é muito proveitoso. O universitário Francisco Gilson, sim, através desta a criança me mostrou algo que eu não conhecia antes, os aspectos que para melhorar. O universitário Tiago, sim, ao aplicar a técnica você percebe que há criança em cada nível.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

De acordo com foi descrito acima, está comprovadamente, diante desta experiência, que a técnica ANP, identifica o nível psicogenético da criança de forma rápida e eficaz.

A terceira questão foi: você acha possível que a partir da aplicação desta técnica pode se classificar o nível psicogenético da criança, de como pensa sobre a escrita? A universitária Daniele de Sousa respondeu, sim, através da técnica posso descobrir o desenvolvimento da leitura e escrita. A universitária Sara Feitosa, sim, afinal é uma avaliação que faz um diagnóstico, através das técnicas e possível ter uma base e saber por onde começar a trabalhar com as crianças. A universitária Leane, com certeza através dessa avaliação detectamos se o aluno é silábico, pré-silábico e etc. O universitário Francisco Gilson, acredito que sim, porque nesses níveis eu vejo como iniciar o meu plano de leitura e escrita deste aluno. O universitário Tiago, sim, devido ele identificar a leitura e escrita.

Os escritos acima comprovam que além de classificar os níveis psicogenéticos, porém, contribuem no desenvolvimento de elaboração de atividades de acordo com seu alunado.

A quarta questão foi: você recomendaria a utilização desta técnica nas salas de aulas? Justifique. A universitária Daniele de Sousa respondeu, sim, com esta técnica o professor pode fazer seu trabalho de forma eficiente. A universitária Sara Feitosa, sim, porém, em uma realidade que seja possível, com uma quantidade de alunos adequada. A universitária Leane, sim, concordo, percebe o nível da cada aluna. O universitário Francisco Gilson, sim, supriria muito o efeito do grau de aprendizagem dos alunos e melhoraria o desempenho dos mesmos. O universitário Tiago, sim, pois só saberemos a necessidade da criança identificando a dificuldade da mesma.

As respostas dos universitários pesquisados é bastante relevante e significativo para a sociedade, porém, o que é a ANP (Análise dos níveis psicogenéticos), é uma técnica estudada pela autora do artigo, após explorar os livros de Emília Ferreiro (1989) e Esther Pillar Grossi(1990), chegou à conclusão que diante de turma superlotada, a aula-entrevista que Esther Grossi(1990) propõe, o profissional educacional poderá não querer realizar, sendo que a aula-entrevista é um instrumento eficiente, porém pensando nestas possibilidades, foi pensado a técnica, primeiro o aluno escreve o

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

nome, do jeito dele, segundo eu mostro figura ou objeto de um mesmo campo semântico, na ordem dissílaba, trissílaba, polissílaba e monossílaba, depois que o aluno escreva uma frase com o nome dele e a palavra dissílaba, em seguida as letras do alfabeto que ele conhece, depois um sonho.

E o professor vai percebendo se o aluno faz vinculação com a fala. Na leitura mostra as palavras escrita com letra de imprensa para o aluno ler, em seguida o alfabeto embaralhado, e o professor registra suas observações e depois classifica se é pré-silábico I, pré-silábico II, silábico, alfabético e alfabetizado, esta é os níveis da proposta pós-construtivismo. E somente a partir do texto, mesmo pequeno, porém, coeso, para saber se o aluno está alfabetizado.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que o presente artigo conceituou os níveis psicogenéticos, explanou as estratégias e analisou as questões dos universitários, chegando a conclusão que O professor na atualidade tem que buscar por conhecimento e novas técnicas, mas não ser vítima do comodismo.

O professor atualmente está passando por um aspecto de transformação e alguns por acomodação, são tantas teorias que embasam o conhecimento, que ao mesmo tempo paralisa ação do sujeito sobre o objeto, deixando a desejar o ensino de qualidade.

Procurar o culpado é muito fácil, mas procurar planejar de maneira eficaz que busca o sucesso de sua prática em ensinar a todos, isso é outra questão a ser discutida, já se tem uma cultura, do impossível, da falta de estrutura do ambiente escolar, da culpa ser somente dos pais e etc... Porém, a culpa é de um conjunto de fatores até mesmo interno e externo.

Na atualidade os educandos estão muitos mais além de uma simples cadeira e um quadro, os alunos estão em uma era digital que a tecnologia direciona o conceito de vida em sociedade para um mundo mais competitivo e cheio de informações, mas que as vezes paralisam, devido não estarem preparados para a correria do dai-a- dia, tornando-se pessoas mais estressadas, adultos frustrados e depressivos.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

O professor está no centro desta visão de mundo, porém tudo direciona ao professor, se na verdade há um conjunto de fatores que impedem este processo de acontecer, tem que ser revestido toda a prática de ensino, para obter resultados. Por isso a sugestão de pensar em que quer que o aluno aprenda? A partir disto elaborar objetivos, as atividades, a metodologia, os recursos, cronograma e a avaliação.

É um diário de rotina, o que se vai trabalhar no primeiro momento, no segundo e assim sucessivamente, logo após descrever o ocorrido na aula, para se refazer um novo diário, pensando nos itens já citados acima e mais um componente importante, o que queria que o aluno aprendesse ontem, mas por falta de tempo, não foi executado dentro do limite de tempo?

Desta maneira o professor pós-moderno poderá dar uma ótima aula, onde acontece o processo ensino-aprendizagem. Agora tem outro fator, que lamentavelmente alguns professores deixam a desejar, é que fazer a contemplação destes itens acima, dar um pouco de trabalho, e trabalho é um produto, que poucos desejam, porque preferem a facilidade, está paralisando o aluno em uma atitude de alienação.

Porém se o professor for um educador dinâmico em suas aulas, com atividades inovadoras, mas não se restringir as mesmas mesmices, que o aluno está acostumado a ter todos os dias, isso será prazeroso, tanto para o professor quanto para o aluno.

O professor ele tem que sair da zona de conforto para provocar o seu aluno a pensar, sobre seu próprio objetivo. Qual é o seu objetivo? É de estudar ou ocupar cadeira? A família está obrigando o aluno ir para escola? Quais os procedimentos deste aluno em sua residência? Quem é este aluno? Qual base familiar pertence? E assim sucessivamente.

O professor só poderá conquistar seu aluno, se ele permitir, é igual uma sessão hipnose, você tem que se deixar ser levado, e não bloquear a sessão. O professor pode fazer a diferença na vida dos alunos, desde que eles permitam, e que para isso a família tenha a consciência dos fatos ocorridos. Todavia, os pais só vão à escola no final do ano ou quando ficou sabendo que o filho foi reprovado ou expulso da escola.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

A escola privada tem um índice maior de alunos aprovado no mercado de trabalho, não é porque os pais pagam, mas sim porque acompanha, é o dinheiro da família que está sendo aplicado naquele aluno, e o governo, contempla as famílias com bolsa de todo tipo, porém não é investido neste sujeito, e não acompanha seus filhos na escola, às vezes utiliza a bolsa família para drogas, porém este aluno que vive neste ambiente não estará disposto a fazer mudança e nem mesmo a mudar, porque a família não cobra e quando resolve cobrar, já é tarde demais, e quem passa por ser incompetente, é o professor. Mas que o professor está indo à escola todos os dias e fazendo suas tarefas, porém o aluno vai para a escola e nem mesmo a tarefa faz e ainda atrapalha quem quer aprender.

Logo também há duas partes, há professores que não gostam de ensinar, mas que o professor tem uma vantagem, mesmo ele não gostando, mas ele está passando os conteúdos, e que o aluno tem que aproveitar este momento.

Então para se organizar o professor e aluno tem que chegar em um objetivo, para que haja a satisfação entre as duas partes, hoje o ensino pós-moderno atua nesta perspectiva, trazendo várias possibilidades e práticas para que o professor possa exercer sua função estimulando o aluno a aprender.

A partir desta pesquisa, espera-se que haja uma transformação sobre conceitos de reclamações e transformar as frases de desânimo e comodismo para uma de conquista, de luta, que poderá ser possível, e principalmente se o professor fizer a sua parte, descobrindo como o sujeito pensa em relação à leitura e escrita, como articular atividades que irão ao encontro destes alunos.

Desta maneira o professor contribuirá com os seus educandos e com toda a sociedade. E com a técnica ANP o professor poderá descobrir em que nível o aluno se encontra e elaborar suas atividades, transformando sua didática pelo melhoramento do seu educando.

## **A NEW LOOK TO THE LITERACY PROCESS WITHIN THE PSYCHOGENETIC LEVELS OF THE POST-CONSTRUCTIVIST PROPOSAL**

### **Abstract**

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

This paper aims to present the psychogenetic levels of the post-constructivist proposal in the literacy process, having as specifics to conceptualize the psychogenetic levels of the post-constructivist proposal in the literacy process; explain strategy in the literacy process and analyze the questions of university students who were in the field in the application of the ANP (Analysis of psychogenetic levels) technique. This article has as methodology the analysis of a questionnaire made to 05 university students who are studying the pedagogy course and applied the ANP technique (Analysis of psychogenetic levels) to identify the psychogenetic levels of the post-constructivist proposal. Therefore, it was observed that the technique is of great importance and speed at the time of identification of the child's thinking about reading and writing, facilitating the elaboration of activities that meet the child in the literacy process.

**Key words:** Psychogenetic Level; Strategy; Literacy; Technique.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERREIRO, Emília;. **Psicogênese da língua escrita**/ Emília Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Lilian Di Marco, Mário Corso- Porto Alegre: Artmed, 1999.

GROSSI, Esther Pillar: **aula-entrevista: caracterização do processo rumo a escrita e a leitura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**/ Esther Pilar Grossi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Conteúdo: v.1.Didática dos níveis pré-silábicos- v.2.Didática do nível silábico. -V.3.Didática do nível alfabético.

GROSSI, Esther Pillar. **Como areia no alicerce: ciclos escolares**/Esther Pillar Grossi (org.); Terezinha Nunes... [et al.]. -1. ed.-São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)



Formação – Pedagogia – Faculdade Latino-Americana de Educação-FLAED. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)

Especialista – Gestão e supervisão escolar – Faculdade Latino-Americana de Educação. E-mail:

[francileidearaujo19@gmail.com](mailto:francileidearaujo19@gmail.com)